



Tupiniquins na Rede: Apontamentos Sobre a Utilização da Internet no Brasil¹

Taiana Loise BUBNIAK²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A presença maciça das Tecnologias de Comunicação e Informação (Tics) no dia-a-dia parece indicar que, em alguma medida, a reflexão sobre a relação entre a sociedade e estas ferramentas precisa ser realizada. Embora a rapidez das mudanças tecnológicas não permita a definição de entendimentos estanques, entende-se que é necessário problematizar a situação, inclusive com dados sobre o uso das Tics no Brasil, propondo um diálogo sobre o indivíduo e tecnologia. Para tal objetivo, a princípio, observam-se questões teóricas referentes à sociedade e sua interação com a tecnologia. Logo depois, serão mostrados dados do uso da internet no Brasil, divulgados em 2010 pelas agências F/Nazca e Datafolha, e, por fim, será feita uma relação entre o que mostram os números com aquilo que aponta a teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias da Comunicação e Informação (Tics); sociedade; internet; Brasil.

Sociedade, Tecnologia e Transformações Culturais

A informatização e a onipresença de computadores e suas redes de comunicação têm modificado o cotidiano das pessoas, em diversas partes do mundo, desde meados da década de 1980. Este processo ficou acelerado depois do desenvolvimento e a privatização da internet, na década de 1990. Muitas ações passaram a fazer parte da listagem de práticas que não dispensam um terminal eletrônico ligado à rede mundial de computadores: transações bancárias, busca de informações, acessos a áreas do mercado de trabalho, manter contato com amigos e familiares e outros.

A transposição de ações antes realizadas em outros suportes para uma rede integrada de computadores denomina-se ciberespaço. Essa palavra foi empregada por William Gibson, no livro de ficção científica “Neuromancer”, em 1984. Pierre Lévy explica o termo:

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFPR e bolsista do Programa REUNI. Linha de pesquisa: Comunicação, Política e Atores Coletivos. Orientadora: Profª Drª Luciana Panke. E-mail: taianabub@gmail.com



Esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como espaço de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. (...) Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores (Lévy, 1999, p. 92)

Para o autor, está inserido no ciberespaço aquilo que faz parte das codificações digitais, porque através dela a transmissão de conteúdos e informações se torna “fluida, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual” (1999, p. 92-93). Estas seriam, para o autor, as marcas que tornam o ciberespaço peculiar.

Estas características também incentivaram pesquisas de outros autores, como Manuel Castells, para quem a interação social que se dá através dos dispositivos eletrônicos tem cada vez uma importância maior na organização social (2003, p. 109).

Para Adriano Duarte Rodrigues (1999) também é imprescindível voltar o olhar para a realidade mediada pelo computador, pois não há espaço do cotidiano que não tenha sofrido intervenção da técnica. Para ele, as visões otimistas e pessimistas acerca do assunto, tão antagônicas, não precisam de um consenso, mas exaustivas análises, que possam traduzir, em alguma medida, o que este movimento social significa.

Mas não há – e não se espera por ora – um ponto final nesta discussão. Como os estágios de difusão das máquinas de acesso à Internet são diversos, é impossível prever qual serão os usos feitos da tecnologia oferecida. A Internet já foi apropriada pelas ações sociais, mas este uso tem efeitos específicos que dependem do norte de cada prática social, já que é possível observar atitudes diversas nos “mundos” online e offline (CASTELLS, 2003, p. 99).

Parece ser essencial refletir sobre as modificações que o sistema de informatização e possibilidade de comunicação online podem ser capazes de inserir no corpo social. Castells (2003), que analisa diversas pesquisas sobre os usos e apropriações da internet, aponta que é impossível chegar a uma conclusão final sobre a temática. A pesquisa não conseguiria acompanhar as inovações tecnológicas, por isso

o estudo da sociabilidade na/sobre/com a Internet deve ser situado no contexto da transformação dos padrões da sociabilidade em nossa sociedade. Isso não significa menosprezar a importância do meio tecnológico, mas inserir seus efeitos específicos na evolução geral de padrões de interação social e em sua relação com os suportes materiais dessa interação: espaço, organizações e tecnologias da comunicação (CASTELLS, 2003, p. 105)



A configuração de sociedades em rede, beneficiadas pelos artefatos tecnológicos, de acordo com o mesmo autor, cria novas formas de sociabilidade, variáveis e cambiantes. O que é possível apreender deste novo modelo é que cada indivíduo está em contato com muitas fontes de informação e o contato passa a ser feito com base em interesses individuais. A vizinhança, a proximidade e o contato face a face deixam de ser prerrogativas para o contato com um novo conteúdo, como na organização tradicional da sociedade.

Estas escolhas, baseadas no interesse particular, formam redes de comunicação que dão o tom da “era da informação”. Ampliadas as possibilidades de comunicar, fica modificada também a cultura, uma vez que esta é mediada pela comunicação (CASTELLS, 1999, p. 354). É através do compartilhamento de simbologias e conceitos, nos meios de comunicação, que a sociedade se reconhece. Mesmo com a desigualdade no acesso à tecnologia, Manuel Castells defende a necessidade de analisar estas novas possibilidades comunicativas porque existe continuidade social e histórica suficientes para configurar o movimento de virtualização de relações como uma tendência.

Intrinsecamente ligadas à comunicação e à linguagem, as novas tecnologias deixam o campo das ferramentas e passam a ser instrumentos que modificam a visão que se tem sobre a sociedade (RODRIGUES, 1999, p. 201). Esta natureza dualista da tecnologia é o que a afasta e aproxima das discussões sobre a sociedade. Se por um lado, são vistas apenas como ferramentas (assim como outrora foram a máquina a vapor, as estradas de ferro e a produção de aço, por exemplo), por outro, são dispositivos que dizem respeito justamente à comunicação e à linguagem, funções legitimadoras e que dão unidade ao corpo social e sedimentam uma cultura.

Uma das características fundamentais das tecnologias da informação é o fato de pertencerem a este domínio dos dispositivos técnicos e de incidirem diretamente sobre a linguagem, distinguindo-se assim claramente dos utensílios, que utilizamos no domínio da produção, e dos instrumentos, que utilizamos para tornar a nossa percepção sensorial do mundo mais precisa, clara e minuciosa (RODRIGUES, 1999, p. 201)

Portanto, entende-se e parte-se da premissa que as viradas tecnológicas nos importam e que o novo aparato técnico esta modificando atitudes e modalidades discursivas, uma vez que novos esquemas mentais são necessários para tornar coerentes as atitudes e os novos dispositivos. A capacidade de estar presente em todo o planeta ao mesmo tempo é o que torna as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (Tics)



tão diferentes de outras transformações tecnológicas: a noção de comunidade, proximidade e transmissão de informações, já enraizadas, estão sendo revistas (RODRIGUES, 1999, p. 209).

Ademais do apontamento sobre quem domina quem na relação entre homem e tecnologia, é essencial entender que a técnica, de acordo com Rodrigues (1999), Castells (1999, 2003) e Lévy (1999), se transforma em um produto social porque está sujeito às variáveis sociais. Ao mesmo tempo em que influencia a ação de diferentes grupos, o uso que estes mesmos grupos fazem da tecnologia é relevante para que a tecnologia continue sendo desenvolvida ou não.

A trama de relações que envolvem produção, difusão e uso das Tics está na seara política, econômica e cultural ao mesmo tempo. Aos poucos, com a análise da interação entre Internet e sociedade em casos empíricos, é que vão ficar mais claros os efeitos das novas formas de interação e mudanças na linguagem geradas pelo uso de uma rede que conecta informações em todo o mundo.

A tentativa que se apresenta é tentar compreender os laços entre técnica, cultura e sociedade e até que ponto estas dimensões são correspondentes. Afinal, inovação técnica, mudanças sociais e novos projetos de sociedade, talvez não estejam em caminhos que se encontram. Há quem veja o futuro como a vivência traduzida em uma sociedade da informação, onde a dimensão técnica da comunicação superaria a dimensão humana e social. Porém, na Internet, o desafio é compreender se existe uma ligação entre o sistema técnico e uma efetiva ruptura no modelo cultural e social da comunicação (WOLTON, 2003, p. 12).

Ou seja: o oferecimento de diversas ferramentas de comunicação e informação não significa que estamos dando um passo a frente na evolução humana. Toda a “parafernália” tecnológica pode não significar nada ou estar sendo o carro-chefe de uma grande mudança social. Apenas a observação de situações reais – nos meios econômicos, políticos e sociais – poderão trazer apontar aspectos mais reveladores sobre o que significa e de como fica a formação social em meio a tanta possibilidade de informação e comunicação.

Conteúdo em Potencial

Todo forma de conteúdo pode ser digitalizada. A inter-relação entre diversos códigos binários possibilitam que textos, imagens e sons possam ser incluídos no



ciberspaço e disponibilizados ao redor de todo o globo através das Tics (LÉVY, 1999). Portanto, as redes de computadores e de pessoas ligadas a estes terminais tecnológicos permitem a geração e indexação de muito conteúdo.

No entanto, a rapidez e a quantidade disponível na troca de informações propiciada pela Internet não significa uma compreensão melhor das mensagens, mas apenas uma modificação na oferta. “Pela sua abundância os sistemas de informação relembram um pouco os hipermercados, é ‘o grande consumo’ de informação e de comunicação” (WOLTON, 2003, p. 85), argumenta o autor, que acredita que a ilusão de um mundo emancipado pela facilidade de acesso à informação é sedutora. Para ele, o discurso feito sobre as Tics é impactante e causa a falsa impressão de que a modernização está diretamente ligada a desenvolvimento político e social.

Mas a utilização desta ferramenta não corresponderia às promessas de liberdade feitas pelos seus precursores. Wolton, pensador que não considera que as Tics formariam um novo meio de comunicação, pontua que o tipo e a quantidade de informação disponível da rede de computadores é um resultado de possibilidades que já foram reveladas pelo satélite e pela televisão.

O fato de peso, em todo caso, é que o campo da informação se ampliou cada vez mais, se intensificando e integrando dimensões novas (...) As informações especializadas e os bancos de dados, através da informática doméstica, oferecem o meio para gerar uma quantidade crescente de informações e de conhecimentos (WOLTON, 2003, p. 92)

O autor aponta que as Tics levam a crer que todos precisam de informação a qualquer momento, o que cria um descompasso entre a oferta e a demanda. Assim como Wolton, Ramonet (1998, p.24) afirma que a informação predominante nas Tics são rápidas e desfragmentadas. Elas geram a “superabundância de informação” – termo cunhado pelo autor – que não é, necessariamente, sinônimo de mais conhecimento ou evolução do ponto de vista social, porque informar-se seria um processo intelectual que exige esforço e não pode ser concretizado dispensar sem energia.

Embora a visão técnica indique que os artefatos tecnológicos estão em um estágio de desenvolvimento avançado, a apreensão sobre essa quantidade de informação gerada ainda não está clara para os autores que pensam a cibercultura. A capacidade de aprendizagem e apreensão do conteúdo disponível no ciberespaço também é uma grandeza que dificilmente poderá ser averiguada. É possível realizar alguns



apontamentos e para isso, utilizaremos as noções de conteúdo na internet propostas por Wolton (2003).

Para ele, as Tics foram perpetuadas como símbolo da liberdade. A abundância e a possibilidade de filtrar as mensagens individualmente, de forma diversa dos meios de comunicação de massa, transmitem uma ideal de “autopromoção possível, de uma escola sem mestre, nem controle” (WOLTON, 2003, p.87). As Tics e a capacidade inerente a elas de acesso ilimitado às informações gerariam um conhecimento ilimitado e, como consequência, ares de emancipação individual. O autor pondera, no entanto, que a hierarquização do saber não é eliminada pela possibilidade de acesso potencializada.

Outra limitação da quantidade de conteúdo disponível seria a discrepância entre a oferta e a demanda, que, através da internet, não chegam a uma relação de equilíbrio. Para o autor “nas sociedades desenvolvidas (...) necessidades de informação e de comunicação não param de crescer” (WOLTON, 2003, p. 93) e as Tics e a internet geram o ambiente ideal para o desenvolvimento desta máxima.

A novidade da internet é referir-se a aplicações fora do trabalho, em uma escala de massa, e em um espaço, a vida privada, em que se está pouco habituado a ser solicitado por um conjunto tecnológico integrado que oferece novos serviços (...) Aquele de uma sociedade de comunicação relativamente integrada, o que não quer dizer sem diferenciação social, mas em todo caso sem muitos conflitos aparentes, e onde emerge facilmente esta demanda de serviços e de informações que miraculosamente encontra na web os elementos de resposta que cada um procura. Em última instância, bastaria que em cada residência houvesse um terminal inteligente para que a maior parte das necessidades de informação fosse satisfeita... (WOLTON, 2003, p. 93-94)

Esta visão, da internet como libertária e propiciadora de liberdade individual e alcance de conhecimento, é considerada simplista pelo autor. A apreensão do conteúdo disponível através das Tics e o entendimento para relacionar-se com ele depende da definição de comportamentos sociais ao longo do tempo de convívio com a tecnologia e suas particularidades.

Embora Wolton tenha uma visão pessimista sobre as possibilidades das Tics e o acesso ao conteúdo disponível, Lévy (1999), por sua vez, indica algumas potencialidades dessa oferta de conteúdo. Para ele, existe a “inteligência coletiva”, o espaço de interação e de transmissão de conhecimento entre os usuários das Tics que acessam o ciberespaço.



Essa “inteligência coletiva”, formada pela indexação e troca de conteúdo, seria responsável por uma nova forma de apreensão do saber, que estaria potencializada porque as Tics

amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos) (LÉVY, 1999, p.154)

As ferramentas da tecnologia, desta forma, seriam capazes de gerar novas formas de apreensão e de raciocínio, porque oferecem “árvores de conhecimento”, através da possibilidade de linkagem com outros conteúdos.

A posição dos autores trabalhados neste item é distinta. Wolton é mais reservado com relação às potencialidades das Tics e Lévy é um entusiasta. Para esta análise, não será adotada nenhuma perspectiva definitiva, mas entende-se que é preciso analisar situações específicas, entender seus contextos, que irão apontar para diversos horizontes. Inclusive porque os autores referidos tratam e discutem da situação das Tics em países da Europa e da América do Norte, que não compartilham contexto semelhante com o acesso e uso no Brasil, por exemplo, alvo de análise deste trabalho.

A Interação Social Mediada pela Técnica

Os clássicos Berger e Luckmann (1985) defendiam que a realidade é construída em termos sociais. Para os autores, a formação de cada ser humano está submetida à contínua interferência, determinada pela sociedade. O eu de cada um só é desenvolvido na relação com o ambiente, ou seja, com a sociedade.

Levando em conta esta premissa, tem-se o seguinte questionamento: como se dá o desenvolvimento das condições humanas na era da informação? De que maneira a oferta de meio diversos e mais intensos de produção de informação e comunicação agem na formação social?

Para estes mesmos autores, a única forma de interação válida seria o encontro face a face. É só neste momento e neste tipo de situação que é possível que dois “eus” diversos interajam de forma completa. “Nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face” (BERGER E LUCKMANN, 1985, p. 47).



Quando impomos distâncias no ato de comunicar, criamos pontes com nossos interlocutores através da linguagem e criamos pontos de referência comuns entre os indivíduos. A linguagem criou uma forma de alinhar padrões em um corpo social, permitindo a comunicação. Portanto, a linguagem produz sentido mesmo àquilo que está distante.

Quando nos comunicamos utilizando as Tics, temos de fazer valer o artifício da linguagem, que possibilita a manutenção do contato. Porém, para John Thompson (2002), as novas formas de comunicação não são simplesmente a utilização de novas técnicas e as mesmas estratégias de linguagem. Compreendem novas formas de ação e interação, criando novos tipos de relacionamentos sociais.

Antes do início do período moderno na Europa, e até recentemente em algumas partes do mundo, o intercâmbio de informação e conteúdo simbólico era, para a maioria das pessoas, um processo que acontecia exclusivamente dentro de situações contextuais face a face (THOMPSON, 2002, p. 81)

As novas ferramentas aumentam o alcance da comunicação humana no espaço e no tempo. O crescimento de canais e formatos de comunicar propicia a complexidade e imprevisibilidade do mundo contemporâneo. Com várias formas de comunicação e produção de informação à disposição, novos tipos de relacionamento surgem e parece ser interessante observar as estas novas características.

A internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la, de muitas maneiras, nós transformamos a própria internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação (CASTELLS, 2003, p.10)

O autor defende que há dois tipos de premissas sobre a interação na internet, através das Tics delimitando um conflito: alguns setores interpretam que a tecnologia gerou novos padrões sociais e comunidades virtuais promissoras; por outro lado, há críticos que indicam que possa haver um isolamento social. Este debate, de acordo com o autor, foi prejudicado por três limitações, que seria a difusão generalizada da internet; a ausência de corpo substancial da pesquisa empírica; análises construídas em torno de questões simplistas (CASTELLS, 2003).

Em sua obra Galáxia da Internet, o autor descreve diversas pesquisas realizadas em países da Europa e nos Estados Unidos onde diversos grupos interagem com as Tics e a internet. Como se trata de processos sociais, o autor prefere não apontar uma



tendência definitiva sobre a utilização da ferramenta, mas reitera que não é possível determinar uma conclusão, porque cada pesquisa analisada está incluída em uma circunstância diferenciada.

No entanto, afirma, como máxima da análise, que as Tics e a internet podem propiciar o individualismo. Como explica o autor, “não é a internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como forma dominante de sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p. 109).

Os Números Tupiniquins³

Pensando na especificidade de cada local, que, de forma óbvia, sempre fica aparente pela linguagem, idioma, cultura e costumes, há de se admitir que o uso da tecnologia também será diferenciado, como nos indicaram os pensadores em cibercultura vistos até aqui. Mesmo que, por exemplo, os telefones tenham uma finalidade específica, cada local fará uma apropriação da ferramenta, tornando única a utilização e apreensão. Desta forma também é com as Tics, tecnologia que permite formas de comunicação e acesso à informação mais intensificada.

Na tentativa de entender a relação entre as transformações culturais causadas pelas Tics, além do impacto da quantidade de informação disponível e novos formatos de interação em uma realidade mais próxima, pretende observar os números sobre o uso desta tecnologia no Brasil.

Com base nos levantamentos sobre internet no país, feito anualmente pela agência de publicidade e propaganda F/Nazca em parceria com o Datafolha⁴, tenta-se entender quais conseqüências já apontadas pelos teóricos se adéquam ao caso brasileiro ou de que forma o enraizamento social das Tics no Brasil estão se dando de forma singular. Para dados auxiliares, também foram consultados dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br) e Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI-BR)⁵.

³ A menção aos tupiniquins, grupo indígena brasileiro, se dá porque é comum o uso da expressão como metonímia de Brasil ou brasileiro (a).

⁴ Há sete anos, F/Nazca e Datafolha realizam o levantamento, que estão disponibilizados em <<http://www.fnazca.com.br/index.php/category/pesquisas/>> e é intitulado F/Radar.

⁵ Disponíveis em <<http://www.cetic.br/>> e <<http://www.cgi.br/>>, respectivamente.



A pesquisa da F/Radar leva em consideração seis pontos de congruência entre indivíduo e a internet: possibilidade de acesso, navegação, compras, transversalidade da mídia, consumo de notícias e jogos eletrônicos. Os itens compras e jogos eletrônicos serão descartados nesta análise.

De acordo com o levantamento com relação ao acesso, são 81,3 milhões de brasileiros que tem possibilidade de estarem conectados à internet. Destes, o maior número de acessos está entre os adolescentes entre 12 e 15 anos: 91% afirmaram ter o costume de acessar a rede de computadores e destes, 65% acessa em lan houses⁶. Foram entrevistadas 2.247 pessoas em 143 municípios brasileiros, escolhidos por sorteio. Da amostra, 39% dos entrevistados moravam em capitais e regiões metropolitanas e 61% estavam no interior dos estados da Federação.

Da amostra, onde todos têm mais de 12 anos, 41% possuem um computador em casa e 28% destes possuem acesso banda larga. A conexão discada permanece sendo a opção em 6% dos lares com computadores.

O hábito de acessar é mais comum na classe A e B, onde 84% afirmam se conectar a rede. A diferença é grande com relação a outros estratos sociais: 51% das pessoas da classe C e 23% das classes D e E conectam-se à internet através das Tics.

Quando o ponto de vista é o acesso em casa, a discrepância entre as classes se acentua. Enquanto 73% dos entrevistados das classes A e B possuem acesso em casa, apenas 24% da classe C e 4% das D e E tem a mesma possibilidade. As pessoas que acessam a internet em casa costumam ter mais de 45 e possuem o ensino superior.

Fora de casa, são as lan houses e demais locais de acesso pago que figuram como o local mais buscado para promover o acesso à rede mundial de computadores. O perfil das pessoas que usa esses locais é: 14 a 34 anos, pertencentes às classes C, D e E, que possuem ensino médio ou fundamental. A casa de parentes ou amigos (25%), o trabalho (12%) e a escola (11%) também ocupam posições relevantes na preferência de opções para acesso à internet. Apenas 6% dos entrevistados utilizam espaços públicos e gratuitos para garantir o acesso; e 8% afirmam que entram na rede através de dispositivos móveis (celulares, smartphone, etc).

Com relação à frequência de acesso, vê-se que 38% da amostra acessa a internet todos os dias e 11% acessa entre quatro a seis dias por semana. Neste percentual, concentram-se, mais uma vez, internautas das classes A e B, com ensino

⁶ Pontos comerciais que oferecem computadores com acesso à internet que pode ser locado por determinado tempo.



superior. Outros 37% acessam entre uma a três vezes por semana, totalizando 86% de internautas brasileiros que “dão as caras” na rede pelo menos uma vez a cada sete dias.

O tempo médio de utilização da internet é baixo. Cerca de 73% permanecem entre uma e três horas conectados; 17% estão na rede entre três e seis horas e apenas 9% ultrapassam as seis horas diárias. De acordo com a estimativa, quem acessa mais vezes por semana, tende a ficar mais horas conectado.

Tentando sondar o impacto cultural gerado pela popularização do acesso à internet, o relatório F/Radar questionou os entrevistados sobre qual é a sensação que se tem depois de começar a usar a rede. 98% dizem estar mais informados; entre 88 e 89% se dizem mais práticos, comunicativos instruídos e conectados com as pessoas. A quantidade de pessoas com sensações negativas com relação à internet é mais baixo: 10% se dizem mais solitárias, 17% mais estressados e 29% mais ansiosos ou impacientes.

Mais da metade dos internautas brasileiros, 57%, indica a inclusão de conteúdos de própria autoria na rede. Destes, 73% possuem entre 12 e 25 anos, o que indica que os mais jovens incluem mais conteúdos.

O que estes assíduos usuários divulgam na internet? 52% deles compartilham fotos, 20% transmitem textos, 19% divulgam vídeos e 7% publicam comentários sobre algo que está publicado na internet. A mesma quantidade de conteúdo é correspondente a áudios. A motivação predominante para a postagem de conteúdo é o relacionamento com outras pessoas e a divulgação e ilustração da vida pessoal.

O modo predominante de postagem desse conteúdo é através dos perfis pessoais o Orkut⁷: 40% dos entrevistados utilizam este meio para divulgação. O MSN⁸ e o e-mail vêm logo atrás, com 32% e 21% de utilização, respectivamente. Sites ou blogs pessoais, comunidades e redes sociais, comentários e fóruns também compõe a lista de locais procurados pelos internautas.

O compartilhamento de conteúdos também atinge índices altos: 70% dos internautas utilizam a possibilidade de replicação e distribuição de conteúdo, a maioria deles, jovens. 80% das pessoas que acessam a rede e compartilham conteúdo possuem entre 18 e 25 anos. E o tipo de arquivos mais espalhado são fotos e imagens (47%).

⁷ Rede de relacionamento filiada ao Google, que tem como objetivo propiciar o contato entre as pessoas.

⁸ Programa de mensagens eletrônicas da Microsoft.



Os números parecem apontar para uma participação moderada: 17% dos internautas se consideram participativos, ou seja, tem o costume de enviar conteúdos e comentários para os meios de comunicação.

Com relação às interfaces entre a internet e mídias de massa tradicionais, como o rádio e a televisão, as estimativas do levantamento apontam que 60% dos internautas já substituiu atividade realizada na mídia tradicional, pela oferta do serviço na internet. Ver um filme, novela, evento ou ouvir um programa de rádio, por exemplo.

Os números que revelam como se dá o consumo de notícias na internet realçam a predominância da televisão como meio prioritário para buscar informação. 59% dos entrevistados preferem ver ou saber de notícias através da televisão. 22% optam pela internet, 8% pelo rádio, 6% por jornais impressos e 2% utilizam revistas para buscar informação. O Google⁹ e as redes sociais estão entre as principais ferramentas de busca de informação para os internautas brasileiros. Portais, sites de notícias, sites de mídias impressas e emissoras ficam em segundo plano.

Os números indicam que há uma discrepância com relação à escolaridade e o local para busca de notícias. Os mais instruídos dão preferência a ferramentas de buscas e portais. Quanto mais baixa é a escolaridade, cresce a estimativa dos que procuram notícias através das redes sociais.

Considerações Finais

A sociedade e a comunicação entre os indivíduos que a compõem já sofreram diversas transformações, com ondas tecnológicas e de mudanças de padrão que vão e vem. A apropriação destas ferramentas – como apontaram Wolton (2003) e Lévy (1999) – é diversa em cada circunstância e a noção da transformação cultural que se deposita ali nem sempre pode ser avaliada de imediato. Observar os números sobre a internet no Brasil indica algumas realidades específicas.

Entre os principais apontamentos da pesquisa, está a sensação de melhoria da vida depois da ascensão da internet, apontada pelos brasileiros. Frente a pergunta de como estavam se sentindo com a relação à presença da internet, a maioria dos internautas tupiniquins faz afirmativas positivas, se sente bem informado, independente e em contato com as outras pessoas.

⁹ Empresa multinacional de geração de serviços online e softwares dos Estados Unidos.



Embora os autores indiquem que há presença do individualismo e de laços fracos nas relações entre internautas (CASTELLS, 2003, p. 108), os brasileiros parecem estar se relacionando mais com os demais. Inclusive, para a maioria dos que acessam a internet no Brasil e postam conteúdo, relacionar-se e mostrar a sua vida pessoal estão entre os motivos para a distribuição de arquivos e informação.

Não é possível determinar até que ponto esta interação baseada na rede se confirma nas relações face-a-face, mas o bem-estar com relação às redes sociais e amizades online parecem indicar que, no Brasil, a internet está, de fato, conectando as pessoas

A maior fronteira da internet no país, de acordo com o levantamento F/Radar, seria o acesso domiciliar, que ainda é baixo e predominantes nas classes A e B. A fronteira tecnológica gerada pela possibilidade econômica ainda é realidade marcante no país, o que leva-nos a concordar com Wolton, mais pessimista com relação às possibilidades das Tics e da internet, inclusive por causa da impossibilidade de acesso generalizado e da reiteração de desigualdades. A “comunicação global, de muitos para muitos”, vislumbrada por Lévy, ainda não pode acontecer de forma plena no Brasil e é pertinente apontar o receio sobre a efetivação da democracia que Wolton expressa:

O pagamento pela informação será indissociável destes novos serviços (...) A seleção se opera pelo dinheiro e pelo nível cultural, mesmo que cada um possa acessar livremente. O risco de desenvolvimento de uma concepção menos democrática da informação tendo por base uma especialização por nível de conhecimento e capacidade financeira é real (WOLTON, 2003, p.96-97)

O diminuto número de pessoas que acessa a internet através de locais públicos e gratuitos (apenas 6%) pode representar uma falha da administração pública em oferecer esse tipo de serviço, indispensável para a democratização das Tics e da internet. Sem esse incentivo, as possibilidades de comunicação e informação e de um novo padrão de sociedade ficarão restritas a um grupo privilegiado.

No entanto, o número mais interessante da análise mostra a interação entre a internet e mídias consideradas tradicionais, como a televisão e o rádio. Dos que utilizam a internet, 60% já usou a ferramenta para efetivar uma ação que antes fazia de outra forma. Ou seja, esta mudança indica que as possibilidades da internet devem mudar a forma do consumo de mídia e acesso a informações. Programas de rádio, novelas, eventos e filmes: cada internauta busca o conteúdo do seu interesse e consome-o em horários e da maneira que achar mais conveniente, o que parece romper a lógica de



grades de programação do acesso à informação como um ritual, dependendo da forma como a empresa ou emissora o oferece.

Além da transposição de hábitos cotidianos para o ciberespaço, a diferenciação na interação com a comunicação e a informação parece ser a grande mudança marcada na era das Tics. Mudar a comunicação implica mudar a cultura, os hábitos e esperar uma nova sedimentação para entender as aplicações dos modelos técnicos e de que forma o conteúdo adaptou-se à nova demanda. Por ora, esperam-se novas análises de situações empíricas e de casos que possam evidenciar a interação entre sociedade e tecnologia.

Referências bibliográficas

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura; v1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIÈGE, B. **A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social**. São Paulo: Paulus, 2009.

RAMONET, I. **La liranía de la Comunicación**. Madrid: Editorial Debate, 1998.

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura**. Lisboa: Presença, 1999.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOLTON, D. **Internet, e depois?** Porto Alegre: Sulina, 2003.